

VICTORIA

KNUT HAMSUN
VICTORIA

Tradução

Carlos Aboim de Brito



cavalo de ferro

Título original: Victoria

© Gyldendal Norsk Forlag AS, 1898, all rights reserved

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1.^a edição, Março de 2010

ISBN: 978-989-623-151-4

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

I

O filho do moleiro ia a caminhar, pensativo. Era um rapagão de catorze anos, moreno de sol e de vento, cheio de tantas ideias.

Quando fosse grande, queria ser operário numa fábrica de fósforos. Era uma coisa boa, embora perigosa, ter enxofre nos dedos, para que ninguém pudesse dar-lhe um aperto de mão: o seu desagradável ofício permitir-lhe-ia gozar de muito respeito junto dos companheiros.

E ia observando os pássaros na floresta. Conhecia-os todos, sabia onde estavam os seus ninhos, distinguia os seus gorjeios e respondia-lhes com diversos chamamentos. Mais de uma vez, dera-lhes bolinhas de farinha do moinho do pai.

Todas aquelas árvores ao longo do trilho eram-lhe bem familiares. Na Primavera extraíra-lhes a resina e no Inverno fora um pequeno pai para elas, libertando-as da neve, ajudando os ramos a endireitar-se. E mesmo lá em cima, na pedreira de granito abandonada, nenhuma pedra lhe era estranha: gravara nelas letras e sinais, erguera-as e ordenara-as como uma aglomeração de fiéis à volta de um pastor. Todas as maravilhas do mundo aconteciam naquela velha pedreira de granito.

Fez um desvio e dirigiu-se à lagoa. O moinho estava a trabalhar e foi envolvido por um imenso e ensurdecedor ruído. Estava habituado a vaguear por ali, a falar em voz alta consigo mesmo; cada pérola de espuma tinha quase uma vida para contar e ali, na represa, a água

caía a pique, parecendo um tecido branco suspenso, ali a secar. Na lagoa, sob a cascata, estavam os peixes; e ele tinha estado ali muitas vezes com a sua cana de pesca.

Quando fosse grande queria ser mergulhador. Isso mesmo. E desceria ao mar da coberta de um barco e iria a reinos desconhecidos, onde havia grandes florestas maravilhosas, ondulantes, e um castelo de coral se erguia do fundo. E a princesa, a acenar, chamá-lo-ia da janela e dir-lhe-ia: «Entra!»

Então ouviu alguém pronunciar o seu nome atrás de si: era o pai que o chamava:

— Johannes! Chegou uma mensagem para ti, do castelo. Tens de transportar os rapazes no barco até à ilha.

Ele foi de imediato. Tocara de novo uma grande alegria ao filho do moleiro.

* * *

Na verde paisagem, a mansão dos senhores parecia um pequeno castelo, um incrível palácio no meio da solidão. Era uma construção em madeira, pintada de branco, com muitas janelas bem desenhadas nas paredes e no telhado; na torre redonda ondulava uma bandeira quando havia hóspedes. Chamavam-lhe «o castelo». No exterior da mansão, de um lado havia a baía, do outro as grandes florestas: ao longe, vislumbravam-se algumas pequenas casas de camponeses.

Johannes chegou ao cais e acomodou os jovens no barco. Já os conhecia: eram os filhos do castelão e seus companheiros da cidade. Todos calçavam botas altas para andar na água; mas Victoria, que calçava uns sapatos bai-

xos e não tinha mais de dez anos, teve de ser levada ao colo quando foram juntos para a ilha.

— Levo-te eu? — perguntou Johannes.

— Eu é que devo fazê-lo — disse Otto, o jovem da cidade que estava na idade do crisma, e pegou-lhe ao colo.

Johannes ficou a observar como era levada para terra e ouviu que ela lhe agradecia. Depois, Otto, virando-se para trás, disse:

— Agora, tu ficas a guardar o barco... como é que ele se chama?

— Johannes — respondeu Victoria. — Sim, ele ficará a guardar o barco.

Ele ficou ali. Os outros seguiram para a ilha, levando cestos para ir buscar ovos. Ficou um tempo a pensar; gostaria muito de acompanhá-los; de resto, o barco podia ser posto em seco, em terra. Demasiado pesado? Não era muito pesado. Com a palma da mão no barco arrastou-o um pouco para cima.

Ouviu as risotas e as piadas dos jovens que se afastavam. Está bem, por agora, adeus! Mas poderiam tê-lo levado com eles! Porque ele conhecia uns ninhos e poderia levá-los lá, e umas grutas maravilhosas escondidas na montanha onde viviam aves de rapina com esporões. Uma vez também tinha visto uma marta.

Empurrou o barco e começou a remar, virando para o lado oposto da ilha. Tinha remado um bom bocado, quando lhe gritaram:

— Volta para trás. Estás a assustar as aves.

— Só queria mostrar-lhes onde se encontra a marta — respondeu, quase interrogando. Esperou um instante. — E assim poderíamos lançar fogo à cova das serpentes... Trouxe fósforos.

Não obteve resposta. Então fez rodar o barco e remou para chegar ao local de acostagem. Depois puxou o barco para terra.

Quando fosse grande queria comprar uma ilha ao sultão, proibindo a entrada a todos. Um canhão protegeria as costas. Os escravos viriam anunciar-lhe: «Vossa senhoria, está além um barco que encalhou num recife; naufragou e os jovens que lá estão vão morrer.» «Deixai-os morrer!», responde ele. «Senhor, estão a pedir ajuda, ainda podemos salvá-los, e com eles está uma mulher vestida de branco.» «Salvai-os!», ordena com voz tonitruante. Volta a ver os filhos do castelão após muitos anos e Victoria lança-se aos seus pés para lhe agradecer o salvamento. «Não tem de quê, era o meu dever», responde; «podem andar livremente, por onde quiserem, são as minhas terras.» Manda abrir as portas do castelo ao grupo e ordena que os sirvam em pratos de ouro e trezentas escravas negras cantam e dançam toda a noite. Depois, quando os filhos do castelão se dispõem a partir, Victoria não consegue, prostra-se no chão diante dele a soluçar, porque o ama. «Deixe-me ficar aqui, meu senhor, não me mande embora, faça de mim uma das suas escravas...»

Perturbado pela emoção, entra na ilha. Sim, queria salvar os filhos do senhor do castelo. Quem sabe se já não se teriam perdido na ilha. Talvez Victoria tivesse ficado presa entre duas pedras sem poder soltar-se. E estendeu o braço para soltá-la.

Os jovens olharam-no surpreendidos quando o viram chegar. Teria abandonado o barco?

— Ficas responsável pelo barco — disse Otto.

— Poderei mostrar-vos onde estão as framboesas — respondeu Johannes.

Silêncio no grupo. Victoria aceitou prontamente:

— Ah, sim? Onde estão?

Mas o jovem da cidade disse de imediato:

— Não podemos perder tempo com isso agora.

Johannes disse:

— Sei onde se encontram ostras.

Novo silêncio.

— Têm pérolas dentro? — perguntou Otto.

— Imagina só que as tinham! — exclamou Victoria.

Johannes respondeu que não sabia, mas as ostras estavam lá longe, na areia branca; seria necessário ir de barco e mergulhar para encontrá-las.

A ideia foi recusada e Otto acrescentou:

— Sim, parece-me mesmo um mergulhador!

Johannes começou a respirar com dificuldade.

— Se quiserem, posso ir para aquelas rochas lá em cima e fazer rolar uma grande pedra para o mar — disse.

— E porquê?

— Por nada. Assim poderiam vê-la.

Esta proposta também não foi aceite e Johannes calou-se, envergonhado. Depois começou a procurar os ovos, afastado dos outros, noutra parte da ilha.

Quando todos se reuniram de novo junto do barco, Johannes tinha mais ovos do que os outros; e levava-os com cuidado no gorro.

— Como conseguiste encontrar tantos? — perguntou o jovem da cidade.

— Sei onde se encontram os ninhos — respondeu Johannes, muito satisfeito. — Agora, ponho-os junto dos teus, Victoria.

— Pára! — gritou Otto — E porquê?

Todos o olharam. Otto apontou o gorro, perguntando:

— Quem me garante que esse gorro está limpo?

Johannes não disse nada. A sua alegria desvanecera-se. E voltou ao interior da ilha com os ovos.

— O que se passa? Onde vais? — perguntou Otto impaciente.

— Onde vais, Johannes? — gritou Victoria, correndo atrás dele.

Ele parou e disse em voz baixa:

— Vou voltar a pôr os ovos nos ninhos.

Ficaram uns instantes a olhar um para o outro.

— E depois irei à pedreira, depois do almoço — disse.

Ela não respondeu.

— Poderei mostrar-te a gruta.

— Sim, mas tenho muito medo — respondeu Victoria.

— Disseste que era muito escura.

Então Johannes sorriu, apesar do seu grande pesar, e disse com coragem:

— Sim, mas eu estarei contigo.

* * *

Tinha brincado durante toda a sua vida na velha pedreira de granito. Tinham-no ouvido falar e trabalhar, lá em cima, embora estivesse sozinho; por vezes, fazia de padre e celebrava a missa.

O lugar fora abandonado há muito tempo; agora, o musgo crescia nas pedras e todas as marcas da mão humana estavam apagadas. Mas o filho do moleiro tinha arrumado e decorado com muita arte o interior da caverna e ali vivia como chefe da quadrilha de ladrões mais valente do mundo.

Faz soar um sino de prata. Um homenzinho entra de um salto, um anão com um alfinete de diamantes no gorro. É o criado. Prostra-se aos seus pés. «Quando chegar

a princesa Victoria, manda-a entrar!», diz Johannes em voz alta. O anão prostra-se de novo no chão e desaparece. Johannes deita-se comodamente no fofo divã e começa a pensar... Fâ-la-ia sentar-se ali e depois oferecer-lhe-ia preciosos manjares em travessas de ouro e prata; um fogo resplandecente iluminaria a caverna; ao fundo, por detrás das pesadas cortinas de brocado de ouro, seria preparado o seu leito, guardado por doze cavaleiros...

Johannes levanta-se, esgueira-se da caverna e escuta. Ouve-se um restolhar de folhas e ramagens, lá em baixo, no trilho.

— Victoria! — grita.

— Eh! — responde ela.

Ele vai ao seu encontro.

— Eu quase me atrevo — acrescentou ela.

Johannes encolhe os ombros e diz:

— Estive agora mesmo lá. Venho de lá agora.

Entram na caverna. Ele indica-lhe uma pedra para se sentar e diz:

— Nesta pedra sentava-se o Gigante.

— Oh! Não digas mais nada, nem me contes. E não tinhas medo?

— Não.

— Mas disseste-me que tinha só um olho; são os demónios que têm só um olho.

Johannes hesita.

— Tinha dois olhos, mas estava cego de um. Disse-mo ele próprio.

— O que te disse mais? Não, não mo digas!

— Perguntou-me se queria ficar ao seu serviço.

— Suponho que não terás aceiteado. Deus te proteja!

— Não, não respondi que não. Não precisamente não.

— Estás louco! Queres ficar fechado na montanha?

— Bem, não sei. Na terra também se está tão mal.

Silêncio.

— Desde que chegaram os rapazes da cidade só estás com eles.

Novo silêncio.

Johannes insiste:

— Mas eu tenho mais força para te tirar do barco e levar-te ao colo do que todos eles. Tenho a certeza de que sou capaz de te levar durante uma hora. Olha.

Toma-a nos braços e levanta-a. Ela agarra-se ao seu pescoço.

— Bem, não tens de aguentar mais tempo.

Ele volta a pô-la no chão.

— Sim, mas Otto também é forte — diz Victoria. — Até lutou com gente grande.

Johannes pergunta, incrédulo:

— Com gente adulta?

— Sim, com gente adulta, na cidade.

Silêncio. Johannes fica a pensar.

— Bem, basta, não se fala mais disso. Já sei o que vou fazer.

— O que vais fazer?

— Vou ficar ao serviço do Gigante.

— Ouve, estás louco! — grita Victoria.

— Oh! Sim, sim, para mim tanto me faz. Vou fazê-lo.

Victoria pensa numa possível solução.

— Bem, talvez ele já não regresse.

Johannes responde:

— Ele voltará.

— Aqui? — apressa-se a perguntar Victoria.

— Sim.

Victoria levanta-se e dirige-se para a saída.

— Vem, mais vale sair daqui.

— Não há pressa — diz Johannes, empalidecendo. — Ele só virá de noite. Por volta da meia-noite.

Victoria acalma-se e quer sentar-se de novo. Mas Johannes já não consegue vencer o mal-estar que ele próprio criou; é muito perigoso permanecer na caverna.

— Se queres sair, tenho ali fora uma pedra com o teu nome gravado. Posso mostrar-ta.

Esgueiram-se para fora da caverna e encontram a pedra. Victoria sente-se orgulhosa e feliz. Johannes fica comovido até às lágrimas e diz-lhe:

— Quando a vires na minha ausência, pensa em mim. Dedicame um pensamento amável.

— Sim — responde Victoria, — mas tu voltarás, não?

— Só Deus o sabe. Não, talvez não.

Começam a dirigir-se para casa. Johannes está quase a chorar.

— Bem, adeus — diz Victoria.

— Não, posso acompanhar-te mais um pouco.

O facto de ela lhe dizer adeus, fria e inesperadamente, fá-lo sentir-se amargurado e irritado na sua alma ferida. Pára subitamente e diz, com justo ressentimento:

— Vou dizer-te uma coisa, Victoria, nunca encontrarás ninguém que possa ser tão simpático e tão bom como eu. Só quero avisar-te disto.

— Sim, mas Otto também é bom — acrescenta ela.

— Então, escolhe-o!

Caminham alguns passos em silêncio.

— Eu ficarei muito bem, não receies por isso. Ainda não sabes a compensação que terei.

— Não, que compensação terás?

— Metade do reino. Isso por um lado.

— Tens a certeza?

— E terei também a princesa.

Victoria pára.

— Não é verdade, pois não?

— Sim, foi o que ele me disse.

Silêncio. Victoria diz para consigo:

— Como será a princesa?

— Oh, que Deus te proteja. Ela é a mais formosa criatura da terra. Como bem sabemos.

Victoria fica retraída.

— E gostas dela?

— Sim, suponho que sim.

Mas ao ver Victoria tão emocionada, acrescenta:

— Talvez regresse algumas vezes, talvez faça uma viagem à terra.

— Sim, mas não a tragas contigo — suplica Victoria, — porquê tê-la sempre contigo?

— Bem, poderei vir sozinho.

— Prometes?

— Sim, prometo. Mas o que te importa isso, não creio que te importe muito.

— Não digas isso — responde Victoria, — tenho a certeza de que ela não sentirá por ti o que eu sinto!

Um cálido frémito de alegria sacode o seu jovem coração. Sente-se como que engolido pela terra de alegria e comoção pelas palavras de Victoria. Não ousa olhá-la, os seus olhos pairam algures. Depois colhe um raminho do chão, mordisca o caule e bate com ele na mão. Depois, no meio do embaraço, começa a assobiar.

— Bem, tenho de ir para casa — diz.

— Está bem, adeus — responde Victoria e dá-lhe a mão.

II

O filho do moleiro foi-se embora. Durante muito tempo permaneceu longe; ia à escola e aprendia muitas coisas; crescia, tornava-se grande e forte e começava a ter um buço acima do lábio. A cidade estava muito distante e a viagem era bastante difícil; o poupado moleiro manteve o filho na cidade no Verão e no Inverno durante muitos anos. Ele continuava a ler.

E tinha-se feito um homem, tinha dezoito ou vinte anos.

Desembarcou de um barco a vapor numa tarde de Primavera. No castelo tinham erguido a bandeira para o filho do castelão que vinha no mesmo barco passar as férias em casa; tinham mandado um coche ao cais de desembarque para trazê-lo. Johannes cumprimentou o senhor do castelo, a senhora e Victoria. Como Victoria estava alta e crescida! Ela não respondeu à saudação. Ele tirou de novo o gorro e percebeu que Victoria perguntava ao irmão:

— Ditlef, quem é que nos cumprimenta?

— É Johannes, Johannes Moeller¹.

Ela tornou a olhá-lo, mas ele teve vergonha de cumprimentá-la outra vez. A viatura partiu.

Johannes regressou a casa.

Oh, meu Deus, como era alegre e pequeno o seu quarto! Só podia passar pela porta inclinando a cabeça. Os pais acolheram-no com presentes. Foi invadido por uma forte

¹ Moeller em dinamarquês-norueguês quer dizer moleiro. (*N. do T.*)

comoção, era tudo tão querido e tão comovente; o pai e a mãe recebiam-no tão bem e estavam tão velhos; cada um estendia-lhe a mão e desejava-lhe as boas vindas a casa.

Nessa mesma tarde foi dar uma volta para visitar tudo; foi ao moinho, à caverna e ao lago; com melancolia ouvia os pássaros que bem conhecia e que tinham construído ninhos nas árvores por toda a parte e fez mesmo uma escapadela ao imenso formigueiro na floresta. As formigas já lá não estavam, o buraco estava despovoado. Esgaravatou na terra, mas já não havia vida.

Enquanto andava às voltas por aqueles lugares, observou que tinham cortado muitas árvores na floresta do castelão.

— Reconheces estes lugares? — perguntou-lhe o pai, a brincar. — Reencontreste os teus velhos pássaros?

— Já não reconheço nada. A floresta foi cortada.

— É a floresta do castelão — disse o pai. — Não nos cabe a nós contar as suas árvores. Cada um pode ter necessidade de dinheiro e aquele senhor tem necessidade de muito dinheiro.

Dias vieram e dias passaram, doces, queridos dias; horas maravilhosas que viveu no seu quarto com as queridas recordações dos anos da infância, um apelo à terra e ao céu, ao ar e às montanhas.

* * *

Caminhava ao longo da estrada do castelo. Tinha sido picado por uma vespa de manhã e o seu lábio estava inchado; se tivesse encontrado alguém, cumprimentaria e seguiria caminho. Não encontrou ninguém.

No parque do castelo viu uma senhora; quando chegou mais perto dela cumprimentou-a vivamente e seguiu a direito. Era a castelã. Quando passou diante do castelo sentiu as batidas do seu coração, como outrora. O respeito pela grande casa, as numerosas janelas, a distinta e austera pessoa do senhor estavam-lhe impressos no sangue.

Seguiu o caminho do cais.

Subitamente, encontrou Ditlef e Victoria. Johannes ficou um pouco perturbado; talvez pensassem que os tivesse seguido. Além disso, tinha o lábio inchado. Abrandou o passo, hesitando se devia ou não prosseguir. Então saudou-os a alguma distância, com o gorro na mão, enquanto passava. Ambos responderam em silêncio à sua saudação e seguiram em frente. Victoria olhara-o durante alguns instantes e o seu rosto alterara-se ligeiramente.

Johannes prosseguiu até ao cais; fora invadido por uma inquietação e o seu passo tornara-se nervoso.

Como Victoria se tornara crescida, muito desenvolvida, mais bonita do que antes. As suas sobrancelhas quase se juntavam, eram como duas finas linhas de veludo. Os seus olhos tornaram-se mais escuros, eram de um azul profundo.

Para regressar a casa seguiu o trilho que, através da floresta, dava a volta ao parque do castelo. Ninguém poderia dizer que ele seguia os jovens de perto. Ao chegar a uma elevação encontrou uma pedra e sentou-se. Os pássaros faziam uma música selvagem e apaixonada; chamavam-se, procuravam-se, voavam com folhas no bico. Havia no ar um suave odor a terra, a folhas sussurrantes e a árvores apodrecidas.

Tinha seguido o caminho de Victoria; ela vinha precisamente ao seu encontro pelo lado oposto.

Foi invadido por uma irritação desesperada, preferia estar longe dali, bastante longe; naturalmente, desta vez ela bem podia pensar que ele a tinha seguido. Deveria saudá-la outra vez? Também podia olhar para outro lado, com aquela picada de vespa!...

Mas quando ela chegou perto dele, levantou-se e tirou o gorro. Ela sorriu e acenou uma saudação.

— Boa tarde, bem-vindo — disse.

Os lábios dele pareciam tremer, mas retomou a sua calma de imediato.

Ela disse:

— Pode parecer um tanto estranho; mas eu não sabia que estavas aqui.

— É claro, você não sabia. Foi um capricho, lembrei-me de passar por aqui.

Oh! ela tinha dito *tu*.

— Quanto tempo vais ficar em casa? — perguntou ela.

— As férias inteiras.

Johannes respondia com dificuldade; de repente, ela afastou-se muito dele! Então, porque lhe tinha falado?

— Ditlef diz que você é muito bom, Johannes. Fez uns bons exames. Diz que escreve poemas, é verdade?

Respondeu brevemente, virando-se:

— Sim, mas percebe-se. Toda a gente os escreve.

E pensou: agora irá afastar-se rapidamente, não dirá mais nada.

— Já se viu uma coisa semelhante? Hoje fui picado por uma vespa — e apontou para a boca. — Por isso estou assim.

— Esteve muito tempo longe daqui, as vespas já não o reconhecem.

Não lhe importava que ele estivesse ou não desfigurado por uma vespa. Está bem. Ela ali estava e fazia girar

nas costas uma sombrinha vermelha com pega dourada e não lhe importava mais nada. E ele tinha levado mais de uma vez aquela distinta menina nos braços.

— Sim, já não reconheço as vespas — respondeu, — dantes eram minhas amigas.

Mas ela não compreendeu o significado escondido destas palavras e não respondeu. Ah!, mas tinham mesmo um profundo significado!

— Já não reconheço nada aqui. Até a floresta foi toda cortada.

Um ligeiro rubor passou pelo rosto dela.

— Talvez não possa fazer poemas aqui — disse ela. — Talvez um dia possa escrever um para mim. Não, mas o que digo eu? Sabe bem que eu não entendo nada disso.

Johannes olhou para o chão, comovido e mudo. Ela troçava dele amavelmente, dizia palavras arrogantes e observava o efeito que tinham nele. Pediu desculpa, mas ele não tinha gasto o seu tempo a escrever poemas, tinha estudado, e bastante mais do que muitos outros!...

— Sim, sim, encontrar-nos-emos mais tarde; entretanto, adeus.

Tirou o gorro e partiu sem responder nada.

Deveria saber que só para ela e para mais nenhuma tinha escrito os seus poemas, todos eles, mesmo o da última noite, aquele sobre a alma dos paus. Mas ela nunca o saberia!

* * *

No domingo, Ditlef veio para que o levasse à ilha. Cá estou a fazer de remador outra vez, pensou enquanto seguia caminho. No cais vagueavam algumas pessoas,

prontas para a festa; de resto, reinava a calma e o sol resplandecia no céu, quente. A dado momento ouviram-se, lá longe, notas musicais, que vinham da água, das ilhas distantes; a barcaça do correio, que tinha música a bordo, num amplo arco, virava para o cais.

Johannes desprendeu o barco e pôs-se aos remos. Estava num estado de espírito estranho e agitado; aquele dia claro e a música da barcaça teciam um velo de flores e de espigas douradas diante dos seus olhos.

Porque não vinha Ditlef? Estava em terra e olhava os homens e a barcaça, como se não tivesse de ir a nenhum lado. Johannes pensava: Não ficarei aqui mais tempo aos remos, vou para terra. E já começava a mover o barco.

Então, subitamente, viu um brilho branco diante dos olhos e ouviu um baque na água; um grito desesperado de muitas vozes ergueu-se da barcaça e da gente que estava em terra e uma quantidade de mãos apontava para o lugar onde a luz branca tinha desaparecido. A música calou-se de imediato.

Num instante, Johannes estava lá, no lugar. Agia apenas por instinto, sem reflexão, sem resolução. Só ouvia a mãe, ali, na barcaça, a gritar. «A minha filha! A minha filha!» E não viu mais ninguém. Lançou-se de imediato do barco e mergulhou.

Durante um instante desapareceu: via-se o mar com bolhas no ponto onde tinha mergulhado e percebia-se que estava em movimento. Na barcaça continuavam as lamentações.

Depois regressou à superfície, um pouco mais longe, a algumas braçadas do local da desgraça. Gritavam-lhe e apontavam, como loucos: «Não, não, era ali, era ali!»

E voltou a mergulhar.

Mais uma vez, um momento de sofrimento, um vociferar ininterrupto, na ponte, de um homem e uma mulher que torciam as mãos. Outro homem lançou-se da barcaça, o timoneiro que tinha tirado o casaco e os sapatos. Avaliou exactamente o local onde a rapariga se tinha afundado e todos voltavam a depositar nele todas as esperanças.

Viu-se de novo a cabeça de Johannes aflorar na água, ainda mais para lá do que antes, muitas braçadas adiante. Tinha perdido o gorro, a sua cabeça reluzia ao sol como a de uma foca. Percebia-se que se debatia com qualquer coisa e que nadava com dificuldade; tinha uma mão impedida. Um momento depois, puxava para si qualquer coisa com a boca e entre os dentes segurava uma grande trouxa: era a afogada. Gritos de espanto chegavam-lhe da barcaça e de terra, até o timoneiro deve ter ouvido o novo grito; ergueu a cabeça e olhou em volta.

Finalmente, Johannes alcançou o barco que andava à deriva, colocou nele a rapariga e depois subiu; foi tudo feito instintivamente. Viram-no inclinar-se sobre a pequenina, abrir-lhe a roupa nas costas; depois agarrou os remos e remou vigorosamente para a barcaça. Quando a afogada foi agarrada e levada para bordo levantaram-se repetidos hurras cheios de alegria.

— Como conseguiste ir buscá-la tão longe? — perguntaram-lhe. Ele respondeu:

— Conheço o fundo. E aqui há corrente. Já o sabia.

Um senhor avança a custo para aquele lado da barcaça; está pálido como a morte, sorri nervosamente, tem as lágrimas nos olhos.

— Venha a bordo um momento! — grita ele. — Quero agradecer-lhe. Estamos-lhe muito reconhecidos. Só um momento.

E o homem afasta-se de novo da aglomeração, pálido como a morte.

É aberta uma portinhola da barcaça. Johannes sobe a bordo.

Não demorou muito; dá apenas o seu nome e a sua morada: uma mulher abraça aquele jovem todo encharcado; o senhor pálido, confuso, põe-lhe o seu relógio na mão.

Johannes entrou no castelo de proa, onde dois homens tentavam reanimar a afogada. «Dentro de pouco tempo vai recuperar os sentidos. O pulso bate.»

Johannes olhou-a; era uma jovem rapariga loura com a roupa curta toda rasgada nas costas. Um homem pôs-lhe um chapéu na cabeça e mandou-o sair.

Não sabia exactamente como tinha chegado a terra e puxado o barco. Ouviu mais uma vez os hurras e a música a soar festivamente quando a barcaça se moveu. Foi invadido, da cabeça aos pés, por uma onda de prazer, suave e fria; sorria, movia os lábios.

— Hoje não faremos nenhum passeio— disse Ditlef com ar descontente.

Victoria tinha chegado, aproximou-se e disse apressadamente:

— És louco! Deve ir para casa e mudar de roupa.

Ah, que acontecimento, no seu décimo nono aniversário!

Johannes correu velozmente para casa. Nos seus ouvidos ainda ecoava a música e os outros hurras; sentia-se impedido por uma forte emoção. Passou diante de casa e seguiu o caminho que, através da floresta, levava lá acima, à caverna de granito. Ali, procurou um bom lugar, onde o sol aquecesse. A sua roupa estava toda a fumegar. Sentou-se. Uma agradável e louca inquietação impeliu-o a levantar-se de novo e a andar às voltas por aquele lugar. Sentia-se pleno

de felicidade! Caiu de joelhos e com lágrimas quentes agradeceu a Deus por aquele dia. Ela estava lá e tinha ouvido os hurras. «Vai para casa vestir roupa seca», dissera-lhe.

Sentou-se e riu-se mais vezes, transportado pelo júbilo. Está bem, ela tinha-o visto realizar o seu trabalho, aquele acto de herói; tinha-o acompanhado com orgulho, quando reaparecera com a afogada entre os dentes. Victoria, Victoria! Se soubesse como era indizivelmente dela, em cada momento da sua vida! Queria ser o seu escravo, o seu servo, limpar a rua com as suas costas. E queria beijar os seus pequenos sapatos e puxar o seu coche e pôr lenha no fogão nos dias de frio. Iria pôr lenha dourada no fogão, Victoria!

Olhou em redor. Ninguém o ouvia, estava sozinho consigo mesmo, ainda tinha na mão o precioso relógio a bater e caminhava.

Obrigado, obrigado, por este belo dia! Acariciou o musgo das pedras e os ramos caídos. Victoria não lhe sorria, é certo, mas também não era um hábito seu. Ficara ali sozinha, no molhe, e um ligeiro rubor surgira-lhe nas faces. Talvez gostasse que ele lhe desse o relógio!

O sol punha-se e o calor começava a diminuir. De súbito, apercebeu-se de que a sua roupa ainda estava molhada e correu para casa, leve como uma pluma.

* * *

Havia a grande festa de Verão no castelo, com convidados da cidade, danças e música. A bandeira flutuou na torre redonda, noite e dia, durante uma semana.

Havia feno a transportar para o palheiro, mas os cavalos tinham sido requisitados para os alegres convidados

e o feno devia esperar. Havia grandes extensões de prados por ceifar, mas os homens deviam servir como cocheiros e remadores e a ceifa era abandonada. A música continuava a soar no salão amarelo...

O velho moleiro, que se tornara sábio com a idade, parou o moinho e fechou a sua casa durante aqueles dias. Acontecera outrora que os folgazões da cidade chegaram em grupo e divertiram-se com os seus sacos de trigo. As noites eram muito quentes e claras e as brincadeiras não paravam. Uma vez, o rico camareiro, então na sua juventude, levava para o moinho, com as suas nobres mãos, numa masseira, um formigueiro e aí o deixara. Agora, o camareiro estava na idade madura, mas Otto, o filho, continuava a vir ao castelo e divertia-se com coisas bizarras. Falava-se das muitas coisas que fizera...

Ouviram-se cascos de cavalos e gritos na floresta. Eram os jovens que montavam os cavalos do castelo, luzidios e fegosos. Os cavaleiros dirigiram-se à casa do moleiro, bateram à porta com os chicotes e quizeram entrar a cavalo. A porta era muito baixa, mas eles queriam entrar a cavalo.

— Bom dia, bom dia! — gritaram. — Queríamos cumprimentá-lo.

O moleiro sorriu humildemente. Desmontaram, prenderam os cavalos e puseram o moinho a trabalhar.

— A mó não tem trigo — gritou o moleiro. — Vão estragar a mó!

Mas ninguém o ouviu no meio daquele ruído ensurdecedor.

— Johannes! — gritou o velho moleiro a plenos pulmões na direção da caverna.

Johannes apareceu.

— Estão a fazer girar a mó sem trigo! — gritou o pai a gesticular.

Johannes avançou lentamente para os jovens. Estava lívido e as veias viam-se-lhe nas têmporas. Reconheceu Otto, o filho do camareiro, com o seu uniforme de cadete; acompanhavam-no mais dois jovens, um dos quais o saudou a sorrir, procurando acalmá-lo.

Sem uma palavra, sem um gesto, Johannes seguiu o seu caminho, dirigindo-se a Otto. Nesse instante viu duas amazonas a sair do bosque. Uma delas era Victoria. Com um vestido verde, montava a égua branca do castelo. Não desmontou, mas da sela observava todos, com olhos perscrutadores.

Johannes decidiu então mudar de direcção, subiu ao dique e abriu a represa; pouco a pouco, o ruído abrandou e o moinho parou.

Otto gritou:

— Não, deixa-o trabalhar. Porquê pará-lo? Põe o moinho a trabalhar, já te disse!

— Foste tu que puseste o moinho a trabalhar? — perguntou Victoria.

— Sim — respondeu ele a rir. — Porquê pará-lo? Porque não há-de trabalhar?

— Porque não tem trigo — respondeu Johannes, a arquejar, olhando-o fixamente. — Compreende? O moinho não tem trigo.

— Ouve, não tem trigo — disse também Victoria.

— Como podia eu saber? — disse Otto a rir. — E estava vazio porquê? Não há trigo?

— Vá, monta! — interrompeu um dos seus amigos, para pôr termo à situação.

Voltaram a montar. Um deles pediu desculpa antes de partir. Victoria foi a última. Pouco depois, deu meia volta:

— Por favor, peça ao seu pai para desculpar o que acaba de acontecer — disse.

— Teria sido mais conveniente que o próprio cadete lho tivesse dito — respondeu Johannes.

— Sim, naturalmente, mas... ele continua com a cabeça cheia de ideias loucas... Há muito tempo que não o via, Johannes.

Ele ergueu os olhos para ela, não acreditando no que ouvia. Como podia ela ter esquecido o acontecimento de domingo passado, o seu momento de glória?

— Vi-a no domingo, no cais.

— Certamente — disse ela de imediato. — Que sorte teve de poder ajudar o timoneiro a encontrar a rapariga. E encontraram-na, não foi?

Ele respondeu num modo seco e mortificado:

— Sim, encontrámos a rapariga!

— Ou melhor — acrescentou ela, como se tivesse recordado alguma coisa, — foi você sozinho que... Mas o que interessa isso, é o mesmo. Sim, creio que sim. Diga então isso ao seu pai e com isto me despeço.

Saudou-o com um gesto, a rir, juntou as rédeas e afastou-se.

Quando Victoria ficou fora do alcance da sua vista, Johannes, perturbado e indisposto, decidiu ir ao seu encontro na floresta. Encontrou-a sozinha, a pé, apoiada a uma árvore e a chorar.

Teria caído do cavalo? Estaria ferida?

Avançou para ela e perguntou-lhe:

— Aconteceu-lhe alguma coisa?

Ela deu um passo para ele, de braços estendidos, e olhou-o radiante de alegria. Parou, deixou cair os braços e respondeu:

— Não, não aconteceu nada; desmontei e deixei a égua regressar sozinha... Johannes, não deve olhar-me assim. Quando estava na represa olhava-me fixamente. O que quer de mim?

— O que quero de si? Não compreendo — balbuciou ele.

Pousando inesperadamente a sua mão na dele, disse:

— Você é tão forte, o seu pulso é tão forte. E depois está todo bronzeado do sol, tem uma tez olivácea...

Ele moveu-se, queria segurar-lhe a mão. Nesse instante ela agarrou o vestido e disse:

— Não, não me aconteceu nada. Só queria voltar para casa a pé. Boa tarde!

III

Johannes regressou à cidade. E passaram os anos e os dias, um longo e febril período de trabalho e de sonhos, de deveres e de poesia. Tinha avançado nos estudos, tinha conseguido escrever um poema sobre Ester, «uma rapariga judia que se tornou rainha da Pérsia», um trabalho que foi publicado e pago. Outro poema, *O labirinto do amor*, cujo narrador era o monge Vendt, deu a conhecer o seu nome.

Mas o que era o amor? Um vento que sussurra entre as rosas? Não, uma fosforescência amarelada no sangue. O amor era uma música de um fervor infernal, que pode fazer dançar o coração dos velhos. Era como a margarida que se abre totalmente com o aproximar da noite, era como uma anémone que se fecha ao mais ténue sopro e morre quando é tocada.

O amor era isso.

Podia destruir um homem, reerguê-lo para o destruir de novo. Podia amar-me a mim hoje, a ti amanhã e a ele à noite, de tal modo era inconstante. Mas também podia permanecer solidamente intacto, como um selo de lacre inviolável e podia arder inextinguível até à hora da morte, porque era eterno. O que era então o amor?

Oh! O amor é uma noite de Verão com estrelas no céu e fragrâncias na terra. Mas porque encoraja o jovem a fazer desvios e porque leva o velho a erguer-se na ponta dos pés no seu quarto solitário? Ah! Porque o amor transforma o

coração do homem num jardim de cogumelos, um opulento e vistoso jardim, onde cresce o cogumelo misterioso e audaz.

Não é o amor que incita o monge a entrar de noite nas cercas dos jardins para espiar às janelas as belas adormecidas? Não é ele que enlouquece a monja e faz perder a razão à princesa? Não é ele que faz com que o rei ande com a cabeça rente ao chão, com os cabelos a varrer o pó, ao mesmo tempo que murmura palavras impudicas, ri e põe a língua de fora?

O amor era isso.

Não, não, era uma coisa muito diferente, uma coisa única. Veio à terra numa noite de Primavera, quando um jovem viu dois olhos... dois olhos. Olhou fixamente e viu. Beijou uma boca e houve um encontro de duas luzes no seu coração, um sol que brilhou dentro de uma estrela. Caiu num abraço e não viu nem sentiu mais nada no mundo.

O amor é a primeira palavra de Deus, o primeiro pensamento que atravessou o seu espírito. Quando ordenou «Que se faça luz!», foi o amor. Tudo o que criara era muito bom e estava contente por tê-lo feito. E o amor foi a origem do mundo e o dominador do mundo, mas todos os seus caminhos estão semeados de flores e de sangue, de flores e de sangue.

* * *

Um dia de Setembro.

Aquela rua solitária tornara-se o seu local predilecto: andava nela como no seu quarto, porque nunca encontrava ninguém e havia jardins dos dois lados do passeio, onde havia árvores com folhas vermelhas e amarelas.